



DESCIMENTO DA CRUZ. — COPIA D'UM QUADRO DE RUBENS.

O CULTO CATHOLICO.

A POMPA com que a Igreja catholica recorda os sagrados mysterios aos fieis tem sido objecto d'injustas arguições. Todo o apparatus das ceremonias do nosso culto religioso é coerente com a sublimidade

Tom. IV. ABRIL 13 — 1840.

e origem divina da nossa crença. Os ritos fazem mais comprehensíveis os mysterios, e aprazíveis os templos, inspiram acatamento á magestade do Omnipotente, commovem o povo e o prendem sensivelmente á religião: e com effeito o que será esta sem o culto externo? — Uma crença morta que breve se

dissipará. Além de que essas ceremonias inalteráveis, e periodicamente repetidas, refreiam os desvarios daquelles que, no fervor do seu enthusiasmo, inventariam praticas a seu modo para adorar o Ente supremo, e tributar-lhe testemunhos de amor e reconhecimento, porque é impossível crer em Deus sem lhe render culto. Se a Igreja não tivesse estabelecido ritual, proprio para excitar a piedade dos seus filhos, mas regular e constante, uma especie d'anarchia religiosa espalharia absurdos e superstições, e com a dissolução da unidade do culto externo entraria a divisão do dogma, alterando-se na substancia a religião, que é unica e indivisivel; o que tão lastimosamente se observa nas innumeraveis ramificações das seitas scismaticas e protestantes. Mas independentemente destas considerações, que a razão suggere, o culto catholico tem a efficacia de commover o coração por fórma tal que decididamente o confessaram os maiores inimigos do catholicismo, os incredulos do seculo passado. Citaremos as palavras de Diderot, um dos mais afamados escriptores encyclopedistas. Diz elle nos seus *Ensaio sobre a pintura*: — « Os absurdos rigoristas em materia de religião não conhecem qual é o effeito das ceremonias externas sobre o povo. Nunca viram a nossa adoração da cruz em sexta feira santa, o enthusiasmo da multidão no dia do Corpo de Deus, enthusiasmo que tambem ás vezes se me comunica. Quando eu via as longas alas de padres com as vestes sacerdotaes; os mancebos acolytos vestidos de togas brancas e cingidos de cintas azues espargindo flores ante o SS.^{mo} Sacramento, o acompanhamento que os precedia e os seguia com religioso silencio, tantos homens com a fronte inclinada para o chão; quando ouvia o canto grave e pathetico entoado pelos ecclesiasticos, e respondido affectuosamente por uma infinidade de vozes de homens, de mulheres e de creanças, sempre as minhas entranhas se abalaram e commoveram, sempre me vieram as lagrimas aos olhos. Não sei que mysterio, que melancholia ha nisto tudo. Conheci um pintor protestante, que fizera longa residencia em Roma, e que declarava que nunca vira officiar na basilica de S. Pedro o summo-pontifice, rodeado dos cardeaes e mais prelados romanos, sem que lhe sobreviessem impulsos de se fazer catholico. » Ora eis-aquí um testemunho não suspeito a favor da magestade das festas e ceremonias da nossa augusta religião; e quantas confissões semelhantes sahiram da alma sincera do eloquente e desgraçado J. J. Rousseau! Se resumissemos iguaes declarações dispersas pelas obras dos philosophos chamados *livres penseadores*, se relatássemos as saudades do culto catholico, que manifestam muitos e conspicuos escriptores protestantes, extenso em demasia seria o nosso artigo. Chateaubriand, que viajou pela America, observa que os progressos dos missionarios francezes no Canadá mais foram devidos á influencia das leis e praticas da religião romana, do que á pureza de costumes e benigno trato daquelles dignos religiosos; e que a aridez da doutrina protestante suffocou em grande parte os germens do christianismo. Debalde as seitas heterodoxas se tem cansado para adquirir proselytos com grande dispendio e inauditos esforços em varias partes da terra: onde tem alcançado o fulgido clarão do rito catholico, vivificam-se os corações, e a verdadeira religião conquista as almas e diffunde-se assombrosamente, como em nossos dias o estão mostrando as cartas dos missionarios, empenhados em propagar nas diversas regiões do mundo não só as luzes da nossa fé, mas tambem as vantagens da civilisação.

Toda a crença, que préga a moral inteiramente

despojada do dogma, e que desterra o apparatus do culto, é sêcca e porventura inefficaz: sujeita a frios raciocinios não contará no seu gremio vehementes oradores. O coração humano, privado dos auxilios da imaginação, não é de si tão abundante que possa alimentar os rios caudaes da eloquencia. O sentimento intimo morre á nascença, se não acha logo a que se arrime, se não encontra imagens que prolonguem a sua duração, nem scenas que o fortifiquem, nem dogmas que, arrebatando-o á região dos mysterios, o sustentem em extase. Por isso nem os Tillotson, nem os Goldsmith, nem os Blair, apesar do seu merecimento, são comparaveis aos Chrysostomos e Ambrosios, aos Bourdaloue e Massillon. Os queixumes de Job, os lamentos de Jeremias retumbando pelas abobadas dos nossos templos, as grandezas das nossas solemnidades religiosas, a voz d'um Bossuet quebrando o silencio das pompas funebres, ou d'um Vieira convidando os ouvintes a darem graças ao Deus dos exercitos pelas victorias das armas portuguezas, são mais capazes de inspirarem os verdadeiros talentos do que as maximas da moral sem eloquencia, tão nua como os templos em que é pré-gada.

Quão elevados pensamentos suscita nas almas reflexivas e pias a celebração dos officios divinos na presente semana, que a Igreja denominou *maior*, porque a consagrou á recordação do complemento do sacrosanto mysterio da nossa redempção! Que sublime poesia, tão nova entre nós, e tão concorde com a magestade da Biblia, inspiraram as solemnidades da semana santa ao illustre auctor da *Harpa do Crente!* (*) Qual será a alma energica e sensivel que não acompanhe a Igreja no seu pranto, e que não entoe depois os festivos alleluias quando esta mã carinhosa se veste de galas, e celebra a victoria contra o anjo das trevas e o immenso beneficio do resgate do genero humano pela resurreição do Salvador! Ainda hontem que recolhimento profundo nos templos; ámanhã que esplendor e alegria! E não será este culto digno do homem, quando o levanta do pó do abatimento, o põe a par das intelligencias celestiaes, o anima nos trabalhos, o consola na desgraça, o enche de esperanças, e lhe sacia o coração? Sim: e infeliz de quem por aridas e fallazes doutrinas troca suaves commoções e extases do espirito! A monotonia d'um culto extremamente simplificado assassina a vivacidade e a alegria do povo. Adopte-o quem quizer, que tolerantes somos, mas não o queremos para nós; queremos entrar nos nossos templos allumiados com brandões accesos, recendentes com o aroma das flores que adornam os altares e com os rolos de fumo do incenso que sobem ao ar, guarnecidos de ricas armações de telas de sedas primorosamente bordadas; queremos contemplar as imagens e os quadros, que representam os santos, e são ao mesmo tempo a honra das artes; queremos ouvir o psalmejar dos sacerdotes, os sons da orchestra, os repiques dos sinos, e finalmente sahir da casa do senhor com a alma cheia d'innocente satisfação, e desafrontada. Nem estas festividades esplendidas tolhem a oração fervorosa e intima dos mais perfectos e contemplativos: porventura, se a estes apraz mais o orar nas igrejas que no recondito asylo de suas casas, todos os dias ha estas funcções nos templos e em todos os templos? E que mais opportuna occasião de elevar a Deus o pensamento do que durante o incruento sacrificio da Missa resada pelo sacerdote, na qual em epilogo se representa a Paixão do Redemptor! A sombra da cruz triumphante vi-

(*) A primeira composição da serie de poesias publicada pelo Sr. Alexandre Herculano é — A Semana Santa. —

veram os nossos maiores, e bem sabiam elles que a fé viva se espraia pelas ceremonias do culto, e que não ha uma só destas de que a historia ecclesiastica não aponte a origem ou dê o motivo.

Pelo que respeita ao ritual da Missa, simples e natural é o argumento com que o defende o insigne litterato, auctor do *Genio do Christianismo*. Perguntaremos: o que constitue o culto em qualquer religião?... Não será o sacrificio?... Uma religião que não tem sacrificio, não tem culto propriamente dito. Pelos diversos povos da terra, até pelos barbaros vemos praticados os sacrificios em honra da Divindade, e nenhuns eram celebrados sem ceremonias, por serem estas consequencia necessaria do acto. Ha portanto um instincto que nos move a consagrar offerendas ao Creador: e o povo christão que tem verdadeiro culto é o que conserva a *immolação de victima*. Uma tradição tão universalmente espalhada, como a do diluvio, o que se prova pela historia, nos ensina que a creatura se constituiu culpada para com o Creador: todas as nações procuraram abrandar a colera celeste, todas se persuadiram e creram que era necessaria uma victima, e começaram offerecendo o homem em holocausto; ás victimas humanas foi depois substituido o sangue dos animaes: mas quando a sociedade começou a envelhecer, quando se principiou a reflectir na ordem das cousas divinas conheceu-se a insufficiencia do sacrificio material, e que o sangue dos brutos não podia resgatar um ente intelligente e capaz de virtude. Procurou-se portanto uma hostia mais digna da natureza humana. Já os philosophos ensinavam que os numes se não abrandavam com hecatombas, e que só acceitavam a offerta d'um coração humilhado. Jesus Christo, o filho de Deus, confirmou as noções vagas da razão: o cordeiro mystico, votado á salvação universal, substituiu os primogenitos das ovelhas, que os seguidores da lei antiga sacrificavam; e á immolação do *homem physico* succedeu para sempre a immolação das paixões, ou o sacrificio do *homem moral*.

Quanto mais profundamente estudarmos o christianismo, tanto mais conheceremos que esta religião divina é o desenvolvimento das luzes naturaes, e o resultado necessario da idade adiantada da sociedade. Quem poderia hoje tolerar o sangue infecto dos animaes esparzido em redor do altar? Quem accreditaria que as victimas cruentas applicariam o céu, e o disporiam para attender favoravelmente as nossas preces? Mas todos comprehendem muito bem que uma victima espiritual, offerecida quotidianamente em expiação dos peccados dos homens, será agradável ao Senhor. Todavia, para a conservação do culto externo, era preciso um signal, um symbolo da victima moral; e Jesus Christo instituiu a Eucharistia, onde debaixo das especies visiveis do pão e do vinho occultou a offerenda invisivel do seu sangue e dos nossos corações. Tal é a explicação do sacrificio christão; explicação que não offende a razão natural, nem a philosophia; e se os leitores meditarem sobre ella, talvez que possam examinar, quanto é dado ao homem, os sagrados abysmos dos nossos mysterios, sem que se precipitem, alumian-do-os os dois fachos da razão e da fé.

Entre as grandes solemnidades do catholicismo, as mais graves são sem contestação as que se celebram durante a semana em que nos achamos; por isso á frente d'um artigo dedicado a mostrar a belleza e sublimidade do nosso culto estampámos o quadro compungente do descimento da cruz; já vimos como o incredulo Diderot qualificou entre as mais magestosas das nossas ceremonias a da adoração da

cruz em sexta feira santa; a qual teve principio em Jerusalem em tempo de S. Paulino de Nola, sendo instituida depois pelo papa S. Gregorio a pratica de hirem os fieis descalços a esta acção religiosa. Com effeito, edificados na vespera pela cerimonia do *Lava-pés*, que é um preceito de humildade e uma lição de caridade, resoando ainda em nossos ouvidos os psalmos do propheta rei e as saudosissimas lamentações de Jeremias, contemplando o sanctuario ainda hontem tão brilhante, hoje despido de ornatos, os nossos corações sentem a mais profunda impressão religiosa, sobre tudo quando, descoberto o estandarte da redempção, se cantam estas palavras *cis-aqui o lenho da cruz, em que pendeu a salvação do mundo*. Quem se não enternecerá, reflectindo que o homem degenerado pela culpa do primeiro pai, foi regenerado no Calvario pelos prodigios do amor celeste; que a sua alma foi salva da ruina final pela redempção; e que ainda que o corpo, juntado á fragilidade natural da materia a fraqueza accidental do peccado, soffra em todo o rigor a sentença primitiva, pereça e se dissolva, a alma do justo, passando pelos desertos do tumulo [como se exprime S. João Chrysostomo] vai gosar dita ineffavel na presença de Deus? Quanto é consoladora esta crença! Quanto são augustas as suas ceremonias!

Agora, se quizermos explicar a nossa estampa, que poderemos dizer onde estão os Evangelhos?... Ouvamos o apostolo evangelista. —

«E depois disto José d'Arimatea [pois que era discipulo de Jesus, ainda que occulto por medo dos judeus] rogou a Pilatos que o deixasse tirar o corpo de Jesus; e Pilatos lh'o permittiu. Veio pois e tirou o corpo de Jesus.

«E Nicodemos, o que havia hido primeiramente de noite buscar a Jesus, veio tambem, trazendo uma composição de quasi cem libras de myrrha e de áloe.

Tomaram pois o corpo de Jesus, e o ligaram envolto em lençoes depois de embalsamado com aromas, da maneira que os judeus tem por costume sepultar os mortos.» [O SANTO EVANGELHO SEGUNDO S. JOÃO cap. 19.º §§ 38, 39, 40. Tradução do P.º Pereira.]

PERIGOS E INUTILIDADE DO ATHEISMO (*).

HA duas castas d'athêus bem distinctas: os primeiros, consequentes com os seus principios, declaram sem hesitação que não ha Deus, e por consequencia nenhuma differença entre o bem e o mal; que o mundo pertence aos mais fortes e aos mais habéis, &c. Os segundos são os hypocritas da incredulidade, que com fingida brandura praticarão todo o genero de maldade para sustentar o seu systema: trazem de continuo na boca as palavras *moral, humanidade*; e são triplicadamente maus, porque juntam aos vicios do athêu a intolerancia do sectario e o amor proprio do auctor. Quer esta gente que o atheismo não destrua a felicidade e a virtude, e que em toda a condição tanto importa ser incredulo como religioso: examinemos se tem razão.

Se qualquer cousa deve ser estimada em razão da sua maior ou menor utilidade, bem desprezivel é o atheismo, porque veremos que a ninguem é util ou prestadio. Passemos revista á vida humana: comecemos pelos pobres e infelizes, porque destes é a maioria dos habitantes da terra. Perguntemos á innumeravel familia dos miseraveis se o atheismo lhe é proveitoso: nenhuma voz responderá sim. Ao con-

(*) Este artigo, bem como o seguinte, foi resumido da excellente obra de Mr. de Chateaubriand—*Le Gen. du Christ.*

trario, do meio dessa classe levantam-se os canticos d'esperança e os suspiros que sobem para o ceu. Todos esses creem: passemos agora aos felizes.

O homem ditoso não tem interesse em ser athêu; porque lhe apraz pensar em que a sua duração se prolongará além da sepultura. E com que desesperação não largaria o mundo se crêsse que se separava para sempre da ventura! Debalde accumularia todos os bens temporaes, que só serviriam para lhe fazer mais horrível *o nada*. O rico póde estar certo de que a religião augmentará a sua alegria reunindo-lhe uma ineffável ternura: o seu coração não se endurecerá, nem se verá accommettido pela saciedade do gozo da ventura, escolho quasi inevitavel das dilatadas prosperidades; a religião é o balsamo sagrado contra a sequeidão e o fastio da alma.

Será porventura athêu o guerreiro que se distingue nos combates? Não por certo; que não o foram os illustres capitães da antiguidade, apesar de não conhecerem os dogmas christãos. Entre as nações modernas seria incredulo [por não citar exemplos alheios] o victorioso D. Alfonso Henriques? Sê-lo-hiam os esforçados varões que desenrolaram a sagrada bandeira das Quinas em todas as partes do mundo? Não por certo; que a par dos trophéus de suas victorias sobejos testemunhos nos legaram da sua piedade. Não ha, com effeito, character tão admiravel como o do heroe não supersticioso, mas verdadeiramente christão: o povo que defende o contempla como pai: elle protege o camponez e as searas, remove as injustiças; é uma especie de anjo da guerra, que Deus envia para mitigar este flagello. As cidades abrem as portas á fama de sua justiça, os obstaculos das fortificações desapparecem perante as suas virtudes; é o amor do soldado, o idolo das nações, liga a coragem do guerreiro com a caridade evangelica: a sua conversação commove e instrue, as suas palavras são dotadas de graça não artificiosa; e admira como se encontra brandura tal n'um homem costumado a viver em meio de perigos: mas ás vezes estão occultos os doces favos de baixo da escabrosa casca do carvalho que tem arrotado com a furia das tempestades.

Em summa, o atheismo não convem ao guerreiro: e tão inutil é nas condições da sociedade como nos estados da natureza. Se a moral inteiramente se firma no dogma da existencia de Deus e da immortalidade da alma, um pai, um filho, os esposos nenhum interesse teem em serem incredulos. Como, por exemplo, se póde comprehender que uma mulher professe o atheismo? Quem, se a religião a não sustentar, protegerá a debil vergontea? Quem prestará amparo ao mais fragil ente da natureza, que está sempre em vespervas da morte ou da perda dos seus attractivos, se as esperanças da mesquinha não passarem além d'uma existencia ephemera? Até para interesse da sua belleza deve a mulher ser piedosa. A doçura, a submissão, a amenidade, a ternura, são mui importantes dotes que o Creador prodigalisou á nossa primeira mãe; e a philosophia é mortal para estes attractivos. A mulher que tem naturalmente um instincto que a inclina aos mysterios, quer como mãe quer como virgem é toda mysteriosa; foi formada para a virtude e para os sentimentos do pudor e do amor; como pois a mulher, renunciando o meigo instincto do seu sexo, ha-de intentar erguer com mãos fracas e temerarias o denso véu que occulta a Divindade? A quem pensará ella que vai agradar com esse esforço sacrilego? Julgará que juntando as suas ridiculas blasphemias e a sua frivola metaphysica ás imprecções dos Spinosas e aos sophismas dos Bayles, nos dará grande idéa

de seus talentos? Certo é que semelhante mulher não deve fazer tenção d'escolher esposo; porque qual será o homem de sizo que se quererá ligar com uma companheira impia?... Felizmente para o genero humano rarissimas são as que trilham tão errada vereda. Vejamos porem, para de todo remover as tentações, qual é a vida e a sorte da esposa incredula. Uma mulher, imbuida de presumpções tão factuas, de raro faz idéa dos seus deveres; passa os dias ou a discorrer sobre a virtude sem a praticar, ou a engolfar-se nos prazeres na inquieta voragem mundana: traz a cabeça vazia, e a alma vaã; devora o fastio; nem tem Deus nem cuidados domesticos para occupar o abysmo dos seus momentos. Eis que se aproxima o dia vingador; chega o tempo, guiando a velhice pela mão. O espectro cuberto de caãs, corcovado, e com mãos de gelo, assenta-se no limiar da porta da incredula; esta o vê e solta um grito. Mas quem poderá então escuta-la?... Será o esposo? — não o tem: ha muito que se affastára do theatro da sua deshonra. Serão os filhos? — perdidos pela educação impia e pelo exemplo materno, o que lhes importa a mãe?... Se ella olha para o passado, só divisa um deserto, onde não ha vestigios de virtudes suas. Pela primeira vez, o seu triste pensamento se volta para o céu; e começa a crer o quanto teria sido mais suave o ter tido religião. Pesar inutil! a extrema punição do atheismo neste mundo é o desejar a fé sem a poder obter. Quando no fim da carreira se reconhecem as mentiras da falsa philosophia; quando *o nada*, como astro funesto, desponta no horisonte da morte quereria o athêu voltar-se para Deus, mas já não é tempo; não porque se exaurisse a fonte de misericordia, mas porque o espirito embrutecido pela incredulidade repelle toda a convicção. Oh quanto é profunda então a solidão, quando a Divindade e os homens se retiram a um tempo! Aquella mulher acaba; expira nos braços d'uma enfermeira mercenaria, que desgostada dos padecimentos que presenciára, acha que ella ainda resistira ao mal por muitos dias. A tumba mesquinha recebe o corpo da desventurada; nem aos seus funeraes assistem as filhas desgrenhadas e os netos lavados em lagrimas, digno acompanhamento, que, com as benções do povo e os cantos dos sacerdotes, segue até a sepultura a honesta e boa mãe de familias. Talvez apenas um bastardo, que não sabe o vergonhoso segredo do seu nascimento, encontra o enterro por acaso, admira-se do como vai tão só o esquife, e pergunta por demais o nome do defunto aos que vão lançar aos vermes o cadaver que lhes promettêra a mulher atheista.

Quão differente é a sorte da mulher religiosa! Pelos seus dias se derrama a jucundidade, e a sua vida é cheia de puro amor: seu esposo, seus filhos, seus domesticos a respeitam e amam, todos depositam nella confiança illimitada, porque crêem firmemente na fidelidade daquella que é fiel ao seu Deus. A fé desta christã fortalece-se com a sua ventura, e a sua ventura com a sua fé.

Basta que a mãe veja sorrir o seu innocente filhinho para se convencer da certeza de uma felicidade suprema. A bondade da providencia se manifesta inteiramente no berço do homem. Quando a virgem passa a ser mãe, que harmonias naturaes tão affectuosas! E era possivel que fossem simples effeitos da materia insensivel?... — nasce o infante e logo no peito da que lhe dera o ser acha prompta a primeira nutrição; a boca do pequenino não vem armada para que não moleste a taça do banquete materno; cresce, e o leite se vai fazendo mais nutriente; é desmamado e a fonte maravilhosa sécca. Essa mu-

lher tão fraca de repente adquiriu forças com que vence fadigas que os homens mais robustos não suportariam. Quem é que a accorda, alta noite, no momento em que o filho hia pedir-lhe o alimento costumado? Donde lhe veio a destreza que nunca tivera? Os seus desvelos, a sua industria parecem fructo da experiencia de toda a vida, e todavia é aquelle o seu primogenito. Ao menor estrondo estremecia a virgem, e que exercitos, que tempestades, que perigos ha agora que amedrontem a mãe? D'antes não podia passar esta mulher sem delicadas iguarias, finos vestidos, brando leito, e o menor sopro d'ar a incommodava; mas agora não lhe importam o pão e o vestido grosseiros, a ruim cama, os ventos, a chuva, comtanto que possa amamentar o tenro filho, e abriga-lo com as pontas da pobre capa: não ha incommodos que o amor de mãe não supplante, ainda que a persigam as afflicções e extrema penuria.

Temos visto em quão diversas condições a crença afasta da alma a desesperação; e quanto é natural invocar a Deus e confiar na sua bondade, quer no regaço da opulencia, quer no estado da miseria. Grande ha-de ser a obstinação por certo para se não abraçar um partido onde a razão acha o maior numero de provas, e para onde nos inclinam a moral, a felicidade, a esperanza, o instincto e os desejos da alma. Supposto que fosse verdade que o espirito equilibrava a balança entre Deus e o atheismo, sempre ella penderia mais para o lado do primeiro: porque, alem de metade da razão, o homem colloca desse mesmo lado todo o peso de seu coração.

Convencer-nos-hemos desta verdade se observarmos o modo por que o atheismo e a religião procedem nas suas demonstrações.

A religião só emprega provas geraes; julga pela ordem inalteravel dos céus e pelas leis do universo; contempla as formosuras da natureza, e em summa todas as harmonias physicas, e descobre o Creador nas suas obras. — O atheismo só vos appresenta opprobrias excepções; só descortina no mundo desordens, charcos, volcões, animaes nocivos, e, como se procurasse occultar-se no lodo, interroga os reptis e os insectos para que lhe forneçam provas contra Deus.

A religião só vos falla da belleza e excellencia do homem: — o atheismo só vos offerece a lepra, a peste, todos os quadros lastimosos das miserias da humanidade.

A religião deduz as suas razões da sensibilidade da alma, e das mais suaves affeições da vida, a piedade filial, o amor conjugal, a ternura materna: — o atheismo reduz tudo ao instincto dos brutos; e por primeiro argumento manifesta-vos um coração inteiramente insensivel.

Finalmente, no culto do christão nos affiançam que os nossos males hão-de ter termo; consolam-nos, enxugam-nos os prantos, promettem-nos uma vida futura: — no culto [permitta-se-nos esta palavra] do athêu, as dores humanas são os thuribularios, a morte é o sacrificador, o seu altar é a sepultura, e o nada, o horroroso nada, é a sua divindade.

IMMORTALIDADE DA ALMA PROVADA PELA VOZ
DA CONSCIENCIA, E PELA VENERAÇÃO
TRIBUTADA AOS TUMULOS.

CADA homem tem no seu coração um tribunal, onde começa a julgar-se a si antes que o Arbitro supremo confirme a sentença. Se o vicio é tão somente consequencia physica da nossa organização, donde

nasce o temor que perturba a prosperidade criminosa? . . . — O tigre dilacera a prêsca e dorme; o homem commette o assassinio e véla. O homicida procura os logares desertos, todavia a solidão o horrorisa; passeia vagaroso ao redor dos tumulos, e entretanto os tumulos o amedrontam: o seu olhar é inquieto e desvairado; não se atreve a lançar a vista sobre as paredes da salla dos banquetes, porque receia ler nellas caracteres funestos. Parece que se lhe espertam os sentidos para o atormentar: vê alta noite clarões ameaçadores; cerca-o por toda a parte o cheiro infecto da carnificina; seus ouvidos, d'extraordinaria subtilidade escutam arruados onde toda a gente só acha silencio; e julga que por baixo dos vestidos d'um amigo, quando o abraça, sente um punhal occulto.

Ó consciencia, serás tu apenas um phantasma da imaginação, ou o medo dos castigos dos homens? . . . — Eu faço a mim-mesmo esta pergunta: «Se tu podesse, só com um desejo, matar um homem, na China, e herdar na Europa os seus immensos bens, com a convicção sobrenatural de que nada disso se viria a saber, consentirias em formar esse desejo? —» Debalde exaggero a minha indigencia; debalde intento atenuar o homicidio, suppondo que, pelo meu desejo, morre logo aquelle chim e sem dor, que elle não tem herdeiros, que por sua morte até o estado perderia aquelles bens; debalde se me afigura o estrangeiro flagellado de molestias e de desgostos; debalde imagino que a morte é um beneficio para elle; que a todas as horas a chama, e emfim que poucos momentos lhe restam de vida: apesar dos meus vãos subterfugios, escuto no fundo do meu coração uma voz, que tão forte brada contra o pensamento só de uma tal supposição que nem por instantes posso duvidar da realidade da consciencia.

Vê-se pois o athêu na triste necessidade de negar o remorso, para poder negar a immortalidade da alma e a existencia d'um Deus vingador. Mas, ainda sendo verdade que ha homens tão infelizes que suffocam o brado da consciencia, que resultado d'abi tiraremos? . . . Não julgámos o que livremente pode usar das suas faculdades corpóreas pelo paralytico que não pode servir-se de seus membros.

Depois de fallar do remorso companheiro do crime, seria inutil tractar da satisfação que nasce da pratica da virtude: mas se os sophistas sustentarem que a virtude não passa d'um amor-proprio disfarçado, que a compaixão não é senão o amor de si-mesmo, lhes perguntaremos se nunca sentiram interior contentamento, quando acudiram a algum desgraçado; ou se é o receio de voltar á idade infantil que os enternece ao aspecto da innocencia do recém-nascido. Deixemos porem os que abafam ou não querem confessar a voz da consciencia, e porfiam em negar o dogma consolador da immortalidade da alma. Delirantes são elles, e tão nocivos os seus desvarios que vão destruir a moral, que é a base da humana sociedade: porque se tudo em nós é materia não ha realmente vicio nem virtude, e por consequencia nem moral. As nossas leis sempre *relativas e variaveis* não podem servir d'esteio á moral, sempre *absoluta e inalteravel*; é portanto necessario que ella deduza a sua origem d'um mundo mais estavel do que este, e que tenha mais seguros fiadores do que recompensas precarias e castigos passageiros; alguns philosophos acreditaram que a religião *fôra inventada* para a sustentar, mas não repararam em que tomavam o effeito pela causa. Não é a religião que deriva da moral, esta é que dimana d'aquella, porque é certo que a moral não pode ter principio no *homem physico* ou *simples materia*; e tambem é certo que quando os ho-

mens perdem a idea de Deus precipitam-se em todos os crimes a despeito das leis e dos carrascos.

Ha emfim uma vehemente prova moral da immortalidade da alma; e vem a ser a veneração que os homens consagram aos tumulos. No silencio das sepulturas não sabemos que prestigio ha que liga invencivelmente a vida á morte: ahí a natureza humana se manifesta superior ao restante da criação, e revela os seus destinos sublimes. Os animaes brutos conhecem porventura o esquife dos mortos, ou importa-lhes cousa alguma com as cinzas dos seus semelhantes? Que caso fazem elles das ossadas de pai e mãe? Ou sabem elles quem foram seus pais, depois de passadas as precisões da primeira idade? . . . Donde nos provem portanto a idea poderosa que temos do passamento? Mereceriam alguns punhados de pó as nossas homenagens? Sem duvida que não: — respeitâmos as cinzas dos nossos antepassados, porque uma voz interior nos diz que nem tudo se extinguiu nelles. E é esta voz que consagra o rito funebre em todos os povos da terra: todos estão igualmente persuadidos de que o somno não é permanente, nem no tumulo, e de que a morte não é mais do que uma transfiguração gloriosa.

DECLARAÇÃO DE FÉ.

Porque sois christão? Sou-o, não por ter nascido em paiz christão, nem por me haverem meus pais educado na religião catholica: — não porque muitos homens de admiravel erudição e virtude tenham professado e defendido o christianismo, nem por ser este systema o mais proprio para tornar feliz o genero humano; mas porque a evidencia que acompanha o Evangelho me convenceu da sua verdade. — Que existia um homem chamado Jesus Nazareno, o qual appareceu na Judea no reinado de Tiberio Cesar — que ensinou um systema de moral superior aos anteriores systemas; e que foi preso, sentenceado e executado, são factos de que só póde duvidar o mais incredulo deísta. Menor absurdo haveria em negar a existencia de Socrates, Platão, Aristoteles, Alexandre Magno, Julio Cesar, ou Trajano; porquanto a respeito destes homens celebres não ha tantos testemunhos e monumentos como ácerca de Jesus Christo. Os escriptos de Livio, Plinio, Cicero, e Tacito não teem mais auctoridade do que os quatro Evangelistas e S. Paulo; e alguns historiadores pagãos tambem referem circumstancias particulares sobre a pessoa, doutrina e morte de Jesus.

Estas evidencias historicas, e o cumprimento de tantas profecias e circumstancias nelle verificadas — o character divino da doutrina que ensinou — a pureza admiravel dos seus preceitos — a sanctidade dos exemplos que constantemente deu — a rapida propagação do Evangelho pelo mundo então conhecido e o depois descoberto — a circumstancia de terem sido escolhidos para propaga-lo homens da mais humilde condição — o haverem os doze apóstolos sellado com o seu sangue a verdade do que ensinavam — o não ter sido imposto o christianismo á força d'armas, mas vencendo pelo contrario a repugnancia da auctoridade civil, a furia dos judeus, a opposição dos philosophos pagãos, e o grande engenho, subtileza, argumentos e insolencia dos seus inimigos, tudo isso me convence da existencia deste divino character, cuja doutrina só tende á salvação e perpetua ventura dos homens.

Estes factos obrigam-me pois a acreditar que Jesus Nazareno foi o Messias promettido por Deus, tendo d'elle especial missão para prégar e revelar aos

homens o perdão dos peccados e o futuro estado de uma eterna bemaventurança para todos os que temerem a Deus, e viverem com justiça e sanctidade. Movidado por tão poderosos argumentos creio em toda a historia evangelica, posto que haja nos quatro Evangelhos alguma divergencia sobre objectos de nenhum valor, devida, certamente, ás versões do syriaco para o grego, do grego para o latim, e destas para as linguas modernas; — e tambem creio que o haver igreja catholica e protestante nada próva contra a verdade evangelica. Convencido destas verdades o celebre escriptor Grotius rematou a sua obra a — *Verdade da Religião Christã* — com a seguinte peroração: — «Recebamos pois, e leamos repetidas vezes o dogma sancto de Christo, em cujos escriptos «ninguem póde ser enganado. Os seus auctores eram «mui fieis e mui cheios do espirito divino para nos «illudirem ou nos occultarem o que devemos crer, «esperar e obrar, a fim de excitar em nossos corações aquelle espirito, verdadeiro penhor da nossa «futura felicidade. Consideremos que a circumcisão «da carne foi substituida pela circumcisão interior «do coração, pela observancia dos mandamentos de «Deus, e pelo meio efficacissimo da amizade mutua. «E se Deus n'outro tempo illuminou muitos varões «piedosos, a fim de que por varios modos annunciasssem aos viventes a sua vontade, quiz ultimamente manifestar-se-nos por intervenção de seu filho, senhor de tudo o que existe, resplendor da «sua gloria, imagem da sua substancia, e por quem «foram criadas todas as cousas que existiam, existem e existirão, para sujeita-las ao seu dominio; «— o qual, expiando as nossas culpas, foi collocar-se á direita de Deus e gosar de uma dignidade superior á dos anjos, facilitando-nos o glorioso accesso ao seu pai celestial. — Lembremo-nos da tua concordia que elle nos recommendou antes de «subir ao céu, e não nos dividamos entre muitos «doutores, porquanto um só temos que é Jesus Christo — o qual no seu Evangelho ensina a cada «um de nós, conforme o grau de talento que possuimos — e evitando seitas e contendias, deixemos «que a verdade nos convença, e recordemos-nos dos «preceitos necessarios para satisfazer-mos á vontade «divina.

«Agora pouco sabemos; mas tempo virá em que «tudo conheçamos com exactidão. Não reputemos «inutil o grande talento que Deus nos confiou em «quanto habitâmos neste reino d'ignorancia. O que «tiver mais ajude o que tiver menos, sem assumir «o character de doutor, nem fazer vã ostentação do «seu saber; porem dando em tempo opportuno conselhos saudaveis, fortificados com o exemplo de «uma vida christã, para que o ignorante ainda «mais se convença da bondade de Deus e da pureza «da sua sancta fé, pelo porte regular do seu mestre.»

SYSTEMA FIGURADO DAS MATHEMATICAS.

(Continuado de pag. 118.)

Mechanica.

O espirito humano, impellido por suas necessidades, ou por mera curiosidade, voltou a sua attenção para o mundo natural, e nasceu a mechanica. O movimento dos corpos e seus esforços reciprocos, occasionados pela sua impenetrabilidade, são de certo os primeiros objectos de que se occupou. Fez-se longo tempo por instincto o que, depois de profundados os principios do movimento e do equilibrio,

se fez por effeito do raciocinio; e por consequencia, ainda que a mechanica não fizesse parte das mathematicas, senão no tempo d'Aristoteles, os primeiros trabalhos do homem sobre os meios de contrariar a natureza, ou de a sujeitar aos seus usos, remontam á mais alta antiguidade.

Divisões da mechanica.

Podemos considerar no *movel*, ou na sua simples tendencia para o movimento, tendencia contrariada por esforços contrarios, ou o seu mesmo movimento. Da primeira consideração nasce a statica, que se divide em statica propriamente dita, se trata só de solidos; e hydrostatica quando diz respeito aos fluidos.

Se consideramos o corpo em movimento, chama-se então a sciencia = *dinamica* =, que se divide tambem em dinamica propriamente dita, e hydro-dinamica.

Da dinamica nascem differentes theorias, que se apontam no systema figurado das mathematicas, acima transcripto. Tal é entre outras a navegação, ou sciencia naval, quando é tomada como a arte de mover, e de dirigir um navio por meio de potencias mechanicas que lhe dão movimento, como os remos, o leme, as velas, &c.

Astronomia.

Depois destes conhecimentos tão interessantes para as nossas necessidades, nenhum nos póde lisongear mais do que o da astronomia. Os movimentos dos corpos celestes são tão regulares, que necessariamente excitam a curiosidade e admiração de todos os homens; o espirito humano se appressou a indagar a causa e as differentes relações dos corpos celestes, que só por si são capazes de fixar a attenção do homem que olhar com mais indifferença para o sublime espectáculo do mundo.

Divisões da astronomia.

Astronomia espherica é a que se occupa [diz Képler] dos phenomenos que resultam da hypothese, *sensivelmente* verdadeira, de que a terra está no centro d'uma esphera, cuja superficie é occupada pelos astros.

Se se trata de descobrir as diversas relações de posição, de afastamento, e velocidade dos corpos celestes, isto é, se se investiga a verdadeira fórma do universo, a sciencia toma o nome d'*astronomia theorica*.

Da astronomia nascem algumas sciencias que lhe são subordinadas: a *geographia mathematica*, por meio da qual se determina a figura da terra, e a posição de seus principaes logares, pela observação:

A navegação, ou a arte de conduzir um navio atravez de mares desconhecidos, pela inspecção do ceu:

A *gnomonica*, ou a maneira de dividir o tempo, e de marcar as divisões por meio dos corpos celestes, e principalmente pelo movimento da sombra, que projectam os corpos expostos ao sol:

A *chronologia*, ou a parte da sciencia dos tempos, que consiste em dar certa ordem á maneira de os contar, conciliando tanto quanto é possivel os periodos civis com os do sol e da lua.

Os phenomenos da propagação da luz, isto é, do movimento com que vem dos corpos luminosos para aquelles que esclarece, ou destes para os nossos olhos, deram nascimento á sciencia que se denomi-

na optica. A primeira observação sobre os raios da luz é que elles se transmitem em linha recta no mesmo meio; assim de ordinario percebemos os objectos; porem a sensação é diversamente modificada pela distancia a que se acham, sua posição, e outras diversas circumstancias.

Estas considerações formam o que se chama optica, propriamente dita ou directa; e era bem natural subordinar-lhe a perspectiva; porque esta não é outra cousa mais do que a arte de representar sobre uma superficie as gradações de fórma e grandeza, segundo as quaes são percebidos por nós os objectos que nos rodeiam; todas as suas regras se fundam sobre o principio da propagação rectilinea da luz. Entretanto, seguindo o uso commum, ella faz uma das divisões principaes da optica no systema figurado.

A luz só se move em linha recta enquanto no seu movimento não encontra obstaculo; mas logo que qualquer corpo opaco resiste á sua passagem, então reflecte contra a superficie do corpo, e se esta é polida continua o seu andamento, fazendo um angulo de reflexão igual ao da incidencia: tal é a fonte dos numerosos phenomenos dos espelhos, a cuja sciencia particular se dá o nome de *catoptrica*.

Se o corpo que se oppõe á passagem da luz é transparente ella o penetra, e toma uma direcção mais ou menos inclinada do que a primitiva, a qual se chama *refracção*; donde provem os phenomenos dos vidros, e dos instrumentos que se empregam para supprir a fraqueza da nossa vista. A sciencia que se occupa deste objecto se chama *dioptrica*.

A *acustica*, ou sciencia das propriedades do som, é a respeito deste o mesmo que a optica a respeito da luz; porem abunda muito menos do que esta em conhecimentos certos e incontestaveis. A natureza do seu principio é mais difficil de reduzir á simplicidade d'uma supposição puramente mathematica, pelas difficuldades phisicas, que complicam as vibrações das particulas elasticas do ar.

Nesta divisão geral deve entrar a musica, esta arte encantadora de deleitar o ouvido pela concordancia e successão dos sons. Verdade é, que pertence ao genio e ao gosto, e não á mathematica, a escolha feliz dos sons concertadores, que produzem uma musica agradável; mas os que teem tratado mathematicamente desta arte só procuram dar razão dos phenomenos que notamos na harmonia e na melodia.

A consideração das relações de peso, d'elasticidade, de densidade no ar, e nos outros fluidos dotados destas propriedades, tem sido nomeada pelos modernos *pneumatologia* ou *pneumatica*.

A geometria pura, applicada á arte de dar ás pedras uma fórma conveniente para formarem, pela sua reunião, certas obras d'*architectura*, merece que a classifiquemos entre as partes da mathematica, porque exige considerações delicadissimas; mas não acontece o mesmo [diz o erudito escriptor a quem seguimos] á *architectura civil* e *militar*, apesar da estima que nos devem merecer; porque se bem que estas artes façam frequente uso das mathematicas, não são todavia constituídas como as sciencias que teem este nome. Porem, ou nós não concebemos bem a natureza e o objecto destes conhecimentos, ou não julgamos justo recusar-lhes um logar, que o auctor concede, *com iguaes titulos*, á sciencia naval, e até a uma parte dessas mesmas *architecturas*!

BIBLIOTHECAS MAIS NOTAVEIS DE PARIS.

Bibliotheca Real. É das mais copiosas que se co-

nhecem: contem mais de 700:000 volumes impressos, e de 80:000 manuscriptos, sem contar uma infinidade de papeis pertencentes á historia geral, sobretudo á historia de França. Divide-se em quatro grandes secções: 1.^a—livros impressos; 2.^a—manuscriptos, chartas, diplomas; 3.^a—moedas, medallas, pedras gravadas e outras antiguidades; 4.^o—estampas, cartas geographicas, plantas, &c. Cada uma destas grandes e mui ricas divisões é um estabelecimento distincto. A bibliotheca, propriamente dita, é frequentada quotidianamente por 600 leitores, termo médio. Recebe uns annos por outros 9:000 volumes impressos no reino, e dois a tres mil, que lhe mandam ou compra, impressos n'outros paizes. Comprehende alem disto a bibliotheca real as duas aulas, de diplomatica e d'um curso completo d'archeologia, e a eschola especial das linguas orientaes com sete cadeiras para o ensino de differentes idiomas asiaticos, incluso o grego moderno.

Bibliotheca Mazarina. Foi fundada pelo cardeal Mazarini: conta hoje 90:000 volumes e 3:440 manuscriptos. É uma collecção preciosa e bem ordenada; contem muitos objectos curiosos da arte, que a adornam, e frequentam-na mais de cem leitores por dia.

Bibliotheca do Arsenal. É famosa entre os sabios da Europa, e abundantissima em livros d' historia; possui muitas edições raras d'auctores italianos e hespanhoes, e a collecção de novellas mais completa que se conhece. O numero habitual dos leitores anda por 60, quasi tudo pessoas dadas a indagações scientificas e litterarias. Encerra 176:734 volumes, e 5:794 manuscriptos.

Bibliotheca da Abbadia de St.^a Genoveva. Compõe-se de 209:000 volumes e de 3:500 manuscriptos. Nella se acham a maior parte das collecções academicas, e uma das mais completas collecções das edições aldinas. Abunda sobretudo em obras historicas; e os seus mais notaveis codices são gregos e orientaes. O numero dos concorrentes a ler passa diariamente de 250.

Livraria do Instituto. Estabeleceu-se em 1796 recebendo as obras da antiga livraria da cidade. É composta de 80:000 volumes. Ainda que pelo seu destino deve necessariamente ser encyclopedica, não podendo ter tudo, limita-se a colligir todas as obras d'alguma importancia, principalmente as que indicam a direcção e progressos dos conhecimentos humanos. É reservada para os membros das cinco academias; porem as pessoas que forem apresentadas por qualquer delles são admittidas em quatro dias da semana.

Livraria da Universidade. Está collocada no edificio da antiga Sorbonna; comprehende 40:000 volumes; é util especialmente aos alumnos das faculdades que a frequentam nos intervallos dos cursos de seus estudos.

O quadro destes estabelecimentos, que extrahimos d'um jornal francez, refere-se ao anno de 1837.

COMMERCIO MARITIMO DOS ESTADOS-UNIDOS.

O NUMERO dos navios entrados nos varios portos dos Estados-Unidos desde 30 de Setembro de 1836 até o 1.^o de Outubro de 1837 subiu a 10:656, a saber: 6:024 americanos, e 4:632 estrangeiros. A lotação dos primeiros foi de 1:299:720 toneladas, a dos segundos 765:703: total 2:055:423 toneladas. Nos americanos empregavam-se 61:713 homens, e 2:437 rapazes; nos estrangeiros 42:265 homens, e 208 rapazes: total das pessoas empregadas 107:273. O nu-

mero dos navios que sahiram destes portos durante o mesmo periodo foi, americanos 5:942, estrangeiros 4:451: total 10:493. A lotação dos primeiros 1:266:622 toneladas, a dos segundos 756:292: total 2:022:914 toneladas.

TEIMAVA certa pessoa illustre com o virtuoso prelado de Braga, D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, varão d'insigne caridade, para que durante o seu governo edificasse alguma obra que lhe perpetuasse o nome. Vendo-se o arcebispo em certa occasião mais instado, respondeu-lhe com indignação santa: *Verdadeiramente senhor, nesta teima sois peor que Satanaz; porque se elle queria persuadir a Christo que fizesse das pedras pão, já era cousa de que podesse resultar algum proveito para os pobres; mas vós matais-vos e matais-me para que converta em pedras o pão dos pobres.*

S. BENTO, o fundador de uma illustre ordem religiosa, vendo um anacoreta que por penitencia jazia atado a uma corrente de ferro, lh'a tirou dizendo: *Se és servo de Deus prenda-te a cadea do amor de Christo e do proximo, e não a de ferro.*

PERGUNTANDO-SE ao celebre conde de Vimioso a quem mais confiadamente poderiamos descobrir nossos segredos; respondeu que ao mentiroso, porque publicando-os não será acreditado.

CAMINHAVA o veneravel Fr. Antonio das Chagas com outro religioso, e dizendo-lhe este: — Ora, padre, daqui até ao sitio de tal façamos trinta ou quarenta actos de amor de Deus — respondeu elle: — Bom é isso, companheiro; mas advirtamos que essa fazenda não a toma Deus por conta, senão por pezo.

ENTRE as virtudes mais bemquistas na sociedade tem a modestia subido logar. O homem singelo e modesto vive ignorado até o momento em que algumas circumstancias fortuitas, que não póde prever, revelam as suas estimaveis qualidades e acções generosas: é semelhante ás flores que nascidas de plantas rasteiras jazem occultas á vista, mas pelo perfume que exhalam são descobertas. A modestia faz realçar os talentos e as virtudes, do mesmo modo que o pudor faz mais amavel a belleza. —

J. Droz.

A curiosidade ridicula é vicio d'engenhos apoucados, que não sabendo em que se hão-de occupar, divertem-se em pesquisar as occupações alheias. —

O mesmo A.

IRADO elrei D. João 3.^o contra certo homem, no auge da colera voltou-lhe as costas e retirou-se para outra casa. Entrou o conde da Castanheira e conhecendo no semblante d'elrei que tivera motivo de disabor, perguntou-lhe o que tinha Sua Magestade. Respondeu D. João: *Tive agora tal ira contra esse homem que ahí estava fóra que lhe quiz dar; e, se o tivera feito, toda a minha vida me arrependêra.* Com este dito, e acção de grandeza d'animo, deu o nosso monarcha uma lição do quanto convem sopêar os impulsos e transportes da colera.